

Espécies do Gênero *Heliconia* (Heliconiaceae) no Brasil

CARLOS EDUARDO FERREIRA DE CASTRO¹ e TAÍS TOSTES GRAZIANO¹

¹ Centro de Horticultura, Instituto Agrônomo, Caixa Postal 28, CEP 13001-970, Campinas (SP).

1. INTRODUÇÃO

O mercado mundial vem mostrando uma crescente saturação na oferta de flores tradicionais, situação ímpar que beneficia a produção e a comercialização de flores e plantas tropicais provenientes de países da África, sudeste da Ásia e América Tropical (Central e do Sul).

No mercado internacional, OLIVEIRA (1996) cita que as flores tropicais enfrentam a concorrência das flores de "verão", flores tradicionais do verão, que no inverno são cultivadas em outros países, como é o caso de Israel, que exporta grande quantidade dessas flores, coincidindo com o pico de produção das flores tropicais.

Entre as plantas tropicais, cujo mercado mundial se consolida a cada ano, algumas espécies do gênero *Heliconia* têm conseguido grande destaque tanto na Europa como nos Estados Unidos.

Os principais países produtores são Costa Rica, Jamaica, Estados Unidos (Havaí e Florida), Porto Rico, Suriname e Venezuela. Existem também cultivos na Austrália, Brasil e, conforme BERRY & KRESS (1991), sob cultivo protegido, na Itália, Alemanha, Holanda e Dinamarca.

No Brasil, onde as helicônias são também conhecidas pelos nomes regionais de bananeira-de-jardim, bananeirinha-de-jardim, bico-de-guará, falsa-ave-do-paraíso,

bico-de-papagaio e paquevira, as principais áreas de cultivo estão implantadas nos estados do Rio de Janeiro, Alagoas, Pernambuco, São Paulo, Santa Catarina, Pernambuco, Bahia, Ceará e Goiás.

As espécies e híbridos mais comercializados como flores de corte têm sido a *H. psittacorum* (variedades Andromeda, Sassy, St. Vincent Red e Tay), *H. bihai* (Lobster Claw, Nappi Yellow, Dwarf e Aurea), *H. chartaceae* (Sexy Pink), *H. caribaea* (Barbados Flat), *H. wagneriana*, *H. angusta* (Holiday, Flava, Orange Christmans), *H. hirsuta*, *H. orthotricha* (Edge of Nite, She), *H. stricta* (Dwarf Jamaican, Sharonii), *H. rostrata*, *H. xanthovillosa*, *H. velerigera* e os híbridos *H. X nickeriensis* e *H. psittacorum X H. spathocircinada* (Golden Torch e Red Torch). Como plantas para jardim, sem dúvida o comércio é dominado por *H. rostrata*, embora intensifica-se o uso de *H. collinsiana*, *H. angusta*, *H. caribaea*, *H. psittacorum* e os híbridos de *H. psittacorum X H. spathocircinada*. No Brasil, é observada, também, a comercialização de inflorescências de *H. episcopalis*, *H. farinosa*, *H. velloziana* e *H. X rauliniana* (CASTRO, 1995).

Os principais importadores mundiais de helicônias são os Estados Unidos, a Holanda, a Alemanha, a Dinamarca, a Itália, a França e o Japão. O mercado atualmente vem pagando elevado preço por inflorescências pendentes e pilosas, como as *H. xanthovillosa* e *H. velerigera*. Também tem crescido o comércio da *H. orthotricha*.

Algumas características limitam a expansão da comercialização de helicônias, tanto em nível nacional como mundial. Entre essas, OLIVEIRA (1996) refere-se ao desconhecimento do manuseio e técnicas pós-colheita para a manutenção da qualidade e transporte a longas distâncias e o tradicionalismo por parte do empresário da floricultura, que desconhece a potencialidade de sua utilização em trabalhos de decoração. Essa relação pode ser complementada, embora não esgotada, pela inexistência de embalagens adequadas ao transporte e comercialização, pela indisponibilidade de padrões de comercialização e classificação dos produtos, pela sazonalidade da produção e pela produção insuficiente para atender a demanda. Quanto a esse último aspecto, atribui-se a situação ao pensamento de muitos produtores de que, por ser um grupo de plantas naturalmente disponível aos olhos do consumidor nas encostas serranas e campos do Brasil, trata-se de plantas de comércio secundário.

2. BOTÂNICA E DISTRIBUIÇÃO DE HELICÔNIAS NO BRASIL

O gênero *Heliconia* L., o único da família Heliconiaceae, é representado por plantas de origem tropical, com ampla distribuição na América Central e na América do Sul. A taxa de diversidade atual sugere, como o centro de origem do gênero, o noroeste da América do Sul, região caracterizada pelo alto índice pluviométrico e solos ricos em nutrientes (ANDERSSON, 1989).

Segundo estudos de KRESS (1990), apenas seis espécies ocorrem nas Ilhas do Sul do Pacífico, Samoa e Indonésia. As demais estão distribuídas na América Tropical desde o sul do México ao norte do Estado de Santa Catarina, região sul do Brasil.

O gênero é constituído por plantas herbáceas, rizomatosas, eretas, de 0,5 a 10,0 metros de altura, conforme a espécie, e com folhas de vários tamanhos. O pseudocaulé é formado pela justaposição dos pecíolos ou pelas lâminas das folhas. As espécies possuem um rizoma subterrâneo, comumente usado para a propagação, do qual se desenvolvem os novos pseudocaulés e as gemas florais. Quanto ao hábito vegetativo, podem ser musóides, canóides ou zingiberóides. A inflorescência emerge do ponto de crescimento terminal do pseudocaulé e apresenta um rápido desenvolvimento. Esta consiste de um pedúnculo alongado, no qual se inserem as brácteas espatiformes de variado tamanho, textura e cor. A bráctea inferior apresenta-se freqüentemente sem flores e as demais mostram flores que variam em comprimento, forma e cor, conforme a espécie. As inflorescências podem ser eretas ou pendentes, com as brácteas distribuídas no eixo em um mesmo plano ou em planos diferentes (DANIELS & STILES, 1979).

As helicônias, conforme a espécie, ocorrem em altitudes que variam de 0 a 2.000 metros, embora poucas sejam aquelas restritas às regiões mais altas. Ocorrem predominantemente nas bordas das florestas e matas ciliares e nas clareiras ocupadas por vegetação pioneira. Poucas espécies ocorrem em campos, matas de galeria ou pântanos. Desenvolvem-se em locais sombreados ou a pleno sol, úmidos a levemente secos, em solos de argilosos a arenosos (ANDERSSON, 1989).

As espécies do gênero são consideradas plantas geófitas tuberosas, ou seja, que se perpetuam não somente por suas sementes, mas também por seus órgãos subterrâneos especializados, cuja função principal é servir como fonte de reservas, nutrientes e água para o crescimento e desenvolvimento sazonal e, assim, assegurar a sobrevivência das espécies.

Entre as 253 espécies registradas no Index Kewensis, no período de 1985-1995, muitas são sinonímias, o que reflete aquilo que tem sido um problema para muitos profissionais que trabalham com as helicônias, ou seja, a sua correta classificação. Vários fatores corroboraram para isso, entre eles: a) o estudo deste grupo de plantas ser bastante recente; b) pela ampla distribuição do gênero; as coletas são feitas em locais diferentes e descritas por taxonomistas diferentes; c) a dificuldade de herborizar o material, principalmente pela facilidade com que perde a cor, fator importante na identificação; d) o fato de muitas etiquetas e descrições serem incompletas; e e) só mais recentemente terem se iniciado os trabalhos de revisão do gênero, com resultados mais conclusivos.

Ao contrário de outros países como Equador, Costa Rica, Venezuela, Colômbia e Equador, a distribuição de helicônias no Brasil é ainda pouco estudada havendo divergência quanto ao número de espécies nativas e locais de ocorrência e distribuição. KRESS (1990) apresentou uma revisão filogenética das Zingiberales e os padrões de distribuição geográfica e a diversidade de *Heliconia* para o Brasil. Para o gênero foram referidos 65 nomes de espécies dos quais provavelmente 28 sinonímias. Das 37 espécies restantes, existe controvérsia pelo menos para oito delas. Duas áreas de distribuição de espécies de *Heliconia* foram apresentadas para o Brasil: a bacia amazônica (21 espécies) e a floresta costeira Atlântica (20 espécies). As espécies ocorrentes no Brasil foram distribuídas por KRESS (1990), na classificação proposta por Andersson, em 1985, conforme Quadro 1. Nesse quadro também é indicada a região de ocorrência, com informação sobre o endemismo da espécie.

Revisões efetuadas nos últimos 15 anos, principalmente por Andersson (1985a, b), citado por KRESS (1990), têm demonstrado que muitas das espécies anotadas para o Brasil são na verdade sinonímias. Desse modo,

a relação anterior pode ser reduzida em quatro espécies pois *H. adeliana* Emygdio & Santos é na realidade *H. bihai* var. *adeliana*, enquanto *H. citrina* Melo Filho & Santos, *H. lacletteana* Melo Filho & Santos e *H. laneana* Barreiros, são formas de *H. angusta*.

A essa relação devem ser incluídas as espécies *H. marginata* Pittier, *H. goiasensis* Barreiros e *H. burchelli* Baker (Figura 2G), que ocorrem naturalmente na região Centro Oeste do país, *H. tarumaensis* Barreiros, *H. carajaensis* Barreiros e *H. santaremensis* Barreiros, da Bacia Amazônica, a *H. X rauliniana* Barreiros (*H. marginata* X *H. bihai*) do Nordeste e a *H. latispatha* Benth., de ampla distribuição no Brasil.

3. AS HELICÔNIAS BRASILEIRAS

Subgênero *Taeniostrobos* Kuntze (Griggs)

Heliconia episcopalis Vell.

Apresentando inflorescências eretas e brácteas distribuídas em um único plano, a *H. episcopalis* apresenta hábito musóide florescendo o ano todo. A espécie é cultivada tanto a pleno sol até sob sombreamento de 40%. Emprega-se a *H. episcopalis* tanto como flor de corte como planta de jardim. Há de se lamentar que alguns varejistas utilizam um aerosol que confere brilho às inflorescências, mas que também alteram a sua cor natural, descaracterizando assim totalmente a beleza do produto. São sinonímias *H. biflora*, *H. ferdinando-corburggi*, *H. thyrsoidea* e *H. thalia* Vell. A espécie é encontrada desde o Rio de Janeiro até o Ceará, normalmente em locais úmidos, como borda de brejos ou alagadiços.

Subgênero *Heliconia*

Secção *Heliconia*

Heliconia bihai (L.) L.

Típica de florestas densas e baixas altitudes, com hábito musóide e inflo-

Quadro 1. Classificação de helicônias brasileiras e região de ocorrência.

Subgênero *Taeniostrobus* Kuntze (Griggs)

H. episcopalis Vell. (Bacia Amazônica e Floresta Costeira Atlântica)

Subgênero *Heliconia*

Secção *Heliconia*

H. adeliana Emygdio & Santos (Bacia Amazônica) - endêmica

H. bihai (L.) L. (Bacia Amazônica)

H. stricta Huber (Bacia Amazônica)

Secção *Tortex* Andersson

H. pabstii Emygdio & Santos (Floresta Costeira Atlântica) - endêmica

H. spathocircinata Aristeg. (Bacia Amazônica e Floresta Costeira Atlântica)

Secção Novo I

H. lourteigiae Emygdio & Santos (Bacia Amazônica)

Secção Novo II

H. farinosa Raddi (Floresta Costeira Atlântica) - endêmica

H. kautzkiana Emygdio & Santos (Floresta Costeira Atlântica) - endêmica

H. rivularis Emygdio & Santos (Floresta Costeira Atlântica) - endêmica

H. sampaioana Emygdio (Floresta Costeira Atlântica) - endêmica

H. velloziana Emygdio (Floresta Costeira Atlântica) - endêmica

Subgênero *Griggsia* Andersson

H. chartacea Lane ex Barreiros (Bacia Amazônica)

H. juruana Loes (Bacia Amazônica) - endêmica

H. marie-augustae Emygdio & Santos (Floresta Costeira Atlântica) - endêmica

H. pendula Wawra (Floresta Costeira Atlântica)

Subgênero *Stenochlamys* Baker

Secção *Stenochlamys* (Baker) Schumann

H. acuminata L. C. Rich. (Bacia Amazônica)

H. angusta Vell. (Floresta Costeira Atlântica) - endêmica

H. auriculata Barreiros (Bacia Amazônica) - endêmica

H. aurorea Emygdio & Santos (Floresta Costeira Atlântica) - endêmica

H. citrina Emygdio & Santos (Floresta Costeira Atlântica) - endêmica

H. fluminensis Emygdio & Santos (Floresta Costeira Atlântica) - endêmica

H. lacletteana Emygdio & Santos (Floresta Costeira Atlântica) - endêmica

H. laneana Barreiros (Floresta Costeira Atlântica) - endêmica

H. psittacorum L.f. (Bacia Amazônica e Floresta Costeira Atlântica)

H. richardiana Miq. (Floresta Costeira Atlântica)

H. timothei L. Anders. (Bacia Amazônica) - endêmica

Secção *Lanea* Andersson

H. aemygdiana Burle Marx (Bacia Amazônica e Floresta Costeira Atlântica)

H. pseudoaemygdiana Emygdio & Santos (Floresta Costeira Atlântica) - endêmica

Secção *Proxichlamys* Andersson

H. densiflora Verlot (Bacia Amazônica)

Secção *Lasia* Andersson

H. lasiorachis L. Anders. (Bacia Amazônica) - endêmica

H. velutina L. Anders. (Bacia Amazônica) - endêmica

Secção *Cannastrum* Anders.

H. mettalica Pl. & Lind. Ex Hook (Bacia Amazônica)

H. subulata R.& P. (Bacia Amazônica)

Secção *Zingiberastrum* Andersson

H. apparicioi Barreiros (Bacia Amazônica) - endêmica

H. hirsuta L.f. (Bacia Amazônica)

H. schumanniana Loes (Bacia Amazônica) - endêmica

rescências eretas com brácteas em um único plano, a *H. bihai* é uma espécie com inúmeras variedades, o que lhe confere a característica de florescer por todo o ano, bastando para tanto cultivar variedades distintas. A espécie pode ser cultivada desde locais à pleno sol até 50% de sombra e é indicada tanto como flor de corte como planta de jardim. A espécie apresenta muitas sinónimas sendo as mais freqüentes *H. luteo-fusca* Jacq., *H. schaeferiana* Rodrigues, que corretamente é *H. bihai* cv. Schaefer's Bihai, e *H. adeliana* Emygdio & Santos, que é *H. bihai* var. *adeliana* (Figura 1A).

***Heliconia stricta* Huber**

A *H. stricta*, planta do interior de florestas pluviais tropicais, tem hábito musóide e inflorescências eretas com brácteas distribuídas em um único plano. A florada ocorre entre julho e novembro, embora na região Sudeste venham se observando florescimentos até março-abril. É cultivada tanto a pleno sol como até 60% de sombra e tem seu uso mais adequado como flor de corte, embora, não raro, seja encontrada como planta de jardim. Tem como sinónima *H. humilis* Jacq. e *H. sharonii*. Por ser comumente chamada de caribe, muitos produtores confundem a espécie com a *H. caribaea* Lam. (Figura 1B).

Secção *Tortex* Andersson

***Heliconia pabstii* Emygdio & Santos** – nenhuma referência foi encontrada sobre a espécie.

***Heliconia spathocircinata* Aristeg.**

Considerada uma das helicônias mais comuns da América do Sul, a *H. spathocircinata*, planta de matas úmidas, tem hábito musóide e inflorescências eretas e brácteas distribuídas em mais de um plano. Em BARREIROS (1970) é encontrada a descrição da espécie. O florescimento dessa espécie

ocorre no inverno na região Sudeste, ou seja, nos meses de junho a setembro. É cultivada tanto a pleno sol como até 40% de sombra e é recomendada para jardins. O interessante da espécie é a existência de alteração da coloração das brácteas em função de mudanças de altitude de ocorrência. No litoral norte de São Paulo, são observadas populações a 20-40 metros de altitude, com brácteas quase que na totalidade amarelo-alaranjada; populações a 50-100 metros, com brácteas amarelo-alaranjadas e vermelhas, e populações acima de 100 metros, com brácteas quase na totalidade avermelhada. As principais sinónimas são *H. irrasa* R. R. Smith, cujo nome correto é *H. spathocircinata* var. *irrasa*, *H. paraensis*, *H. rollinsii* e *H. linneana* Lane ex Souza Barreiros, que corretamente é *H. spathocircinata* var. *flava* Barreiros. Muitas vezes é grafada como *H. spatho-circinata*, o que é incorreto.

Secção Novo I

***Heliconia lourteigiae* Emygdio & Santos** – sem referências (Figura 1C).

Secção Novo II

***Heliconia farinosa* Raddi**

A *H. farinosa* tem como sinónimas *H. brasiliensis* Hook, *H. pulverulenta* Lindl., *H. speciosa* Hort. e *H. dealbata*. É planta de altura média com 1 a 2,5 metros, de matas úmidas, sombreadas, de encostas e de litoral. No Brasil está distribuída pelos Estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Sua inflorescência é ereta em um único plano e o florescimento ocorre de junho a novembro. Comentários e descrição sobre a espécie pode ser encontrado em BARREIROS (1974a).

***Heliconia kautzkiana* Emygdio & Santos**

A *H. kautzkiana*, descrita por MELLO FILHO & SANTOS (1987) como planta com

até 2,5 metros de altura, tem sua ocorrência natural no Estado do Espírito Santo. É uma espécie com florescimento de setembro a março, de hábito musóide e inflorescências eretas, distribuídas em um único plano. Tem seu uso recomendado para jardim e se desenvolve melhor em locais com 20 a 40% de sombra.

***Heliconia rivularis* Emygdio & Santos**

H. rivularis é endêmica da região litorânea dos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo (litoral Norte). A planta tem cerca de 2 metros de altura e as inflorescências são eretas, com distribuição de brácteas helicóide. O florescimento ocorre no verão, prolongando-se até março-abril. A planta tem uso indicado para jardim. Sua descrição pode ser verificada em SANTOS (1978) (Figura 1D).

***Heliconia sampaioana* Emygdio**

Planta com cerca de 2 m de altura, a *H. sampaioana* apresenta inflorescência ereta, em um único plano, de cor vermelha e com até 40 cm de comprimento. Tem hábito musóide e deve ser cultivada como planta de jardim em locais levemente sombreados. Tem como local de ocorrência a Mata Atlântica, desde a Floresta da Tijuca, no Rio de Janeiro, até o Litoral Norte de São Paulo. Algumas vezes são encontradas inflorescências dessa espécie à venda, como flores de corte, na cidade do Rio de Janeiro. A espécie se assemelha a *H. farinosa* mas dela se distingue pela pilosidade da inflorescência, pelos botões jovens fletidos em direção ao raquis, pelo colorido do ovário, pela cor vermelha mais escura da inflorescência e pela ausência de pruinosidade na página dorsal da folha. A espécie tem como sinônimo *H. farinosa* f. *hirsuta* Lane. MELLO FILHO (1976a) descreveu a espécie.

***Heliconia velloziana* Emygdio**

Planta típica da Mata Atlântica, em locais úmidos e sombreados, chamando a

atenção pelo vermelho intenso de suas espatas, a *H. velloziana* é uma planta de hábito musóide, com até 5 metros de altura, inflorescências eretas, com brácteas distribuídas em um único plano e florescimento que se prolonga de setembro a abril. Exige 50% de sombra para seu desenvolvimento e florescimento e é indicada para uso em jardins. Descrição completa da espécie pode ser vista em MELLO FILHO (1975) (Figura 1E).

Subgênero *Griggsia* Andersson

***Heliconia chartacea* Lane ex Barreiros**

A *H. chartaceae* é, na opinião de muitos, uma das mais belas helicônias devido às suas inflorescências pendentes com brácteas de cor rosa e verde distribuídas em mais de um plano. É planta da floresta pluvial tropical e tem sua ocorrência natural no Estado do Amazonas, margens dos rios Purus, Negro, Alto Solimões e outros. A espécie apresenta hábito musóide e o florescimento ocorre o ano todo, com pico de agosto a janeiro. Têm sido observados cultivos bem sucedidos da espécie nos Estados de Santa Catarina, Rio de Janeiro, Alagoas e Pernambuco. Utilizada tanto como flor de corte como planta de jardim, tem como condições de cultivo recomendadas desde o pleno sol até 50% de sombra. Completa descrição da espécie é encontrada em BARREIROS (1972) (Figura 1F).

***Heliconia juruana* Loes**

A *H. juruana* tem como sinônimo *H. triflora* Barreiros. É planta de raque pêndula com brácteas distribuídas em diversos planos, originária do Alto Solimões. Seu florescimento ocorre de setembro a janeiro e a espécie pode ser indicada para jardim. Um exemplar é cultivado no Jardim das Musáceas, no Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Sua inflorescência em muito se assemelha a *H. rostrata* Ruiz & Pavan.

***Heliconia marie-augustae* Emygdio & Santos** – sem referências.

***Heliconia pendula* Wawra**

A *H. pendula* é uma espécie de hábito musóide e inflorescências pendentes, com brácteas distribuídas em mais de um plano. Tem ocorrência natural em bordas de matas nos Estados do Espírito Santo, Minas Gerais e Bahia. O florescimento ocorre de abril a novembro. Usada como planta de jardim e raras vezes como flor de corte, a espécie tem bom desenvolvimento em condições de 20 a 50% de sombra. A *H. pendula* tem como sinônimas *H. revoluta* Standley e *H. steyermarkii* Ariesteg., cujo nome correto é *H. pendula* var. *vilosa* (Figura 1G).

Subgênero *Stenochlamys* Baker**Secção *Stenochlamys* (Baker) Schumann*****Heliconia acuminata* L. C. Rich.**

H. acuminata é uma espécie de hábito musóide com inflorescências eretas e brácteas distribuídas em único plano. Tem a sua ocorrência natural em igarapés e na orla de florestas secundárias nos Estados do Amazonas, Rondônia e Acre. O florescimento ocorre o ano todo com pico de dezembro a março. É cultivada desde a pleno sol até condições de 50% de sombreamento. Recomenda-se o seu uso tanto como planta de jardim como para flor de corte. A espécie tem como sinônimo *H. ballia* Rich.. São conhecidas para a espécie três subespécies: *H. acuminata* Rich. ssp. *immaculata*, que tem como sinônimas *H. subulata* L.C. Rich e *H. hirsuta* L. f., a *H. acuminata* Rich. ssp. *occidentalis* e *H. acuminata* Rich. ssp. *psittacorastra*.

***Heliconia angusta* Vell.**

Planta de hábito musóide com inflorescências eretas, em um único plano, a *H. angusta* apresenta tamanho médio com 1,2 a 1,8 m de altura. As florestas da região Sudeste são o habitat natural da espécie e suas formas. Descrições detalhadas da espécie e

formas podem ser vistas em MELLO FILHO & SANTOS (1976a). O florescimento, na região Sudeste do país, ocorre no inverno de julho a dezembro. No Nordeste e Centro Oeste, o florescimento ocorre de setembro a março. A espécie é cultivada em 20 a 80% de sombra e tem seu uso preferencial como flor de corte, embora também possa ser utilizada em jardins. Para *H. angusta* Vell. tem-se como sinônimas *H. angustifolia* Hook, *H. braziliensis* auct. Non Hook, *H. lacletteana* Melo Filho & Santos e *H. bicolor* Benth. São estabelecidas três variedades para a espécie. Estas são a *H. angusta* Vell. var. *angusta* que tem como sinônimo *H. citrina* Mello Filho & Santos ou *H. laneana* Barreiros, a *H. angusta* Vell. var. *brasiliensis* f. *flava* e *H. angusta* Vell. var. *aureorea* f. *Morro de Santa Teresa*. Nesse último caso, a sinônimo não é reconhecida por muitos taxonomistas que aceitam ser espécie individualizada a *H. aureorea*. Ainda, quanto a sinônimas, pode algumas vezes a espécie ser nominada como *H. laneana* Barreiros var. *flava* E. Santos formas *elatior* ou *flava*. (Figura 1H, 1I).

***Heliconia auriculata* Barreiros**

Florescendo normalmente em janeiro, em sua área de origem, o Estado da Bahia, próximo ao município de Canavieiras, a *H. auriculata*, embora heliófila, tem no fechamento dos ângulos das espadas uma restrição à ação solar sobre as flores. A espécie é muito semelhante a *H. densiflora* e apresenta hábito canóide. Tem altura média, com as inflorescências estando dispostas na posição ereta e em um único plano. É indicada para cultivo em jardins residenciais ou públicos, formando maciços (BARREIROS, 1980). Em outras regiões, a planta pode florescer de setembro a março e pode ser cultivada desde à pleno sol até 40% de sombreamento.

***Heliconia aureorea* Emygdio & Santos**

A *H. aureorea* ocorre naturalmente na Floresta Atlântica, nos Estados do Rio de Ja-



Figura 1. Helicônias brasileiras: A) *Heliconia bihai* (L.) L. var. *adeliana*, B) *H. stricta* Huber, C) *H. lourteigiae* Emygdio & Santos, D) *H. rivularis* Emygdio & Santos, E) *H. velloziana* Emygdio, F) *H. chartacea* Lane ex Barreiros cv. *Sexy Pink*, G) *H. pendula* Wawra, H) *H. angusta* Vellozo cv. *Holiday* e I) *H. angusta* Vellozo cv. *Yellow Christmas*.

neiro e do Espírito Santo, e no Parque Florestal do Rio Doce, em Minas Gerais. Sua descrição é encontrada em MELLO FILHO & SANTOS (1976b). A *H. aureorea* tem altura média de 1,70 metros, hábito musóide e inflorescências eretas, com brácteas em único plano. A espécie tem o florescimento concentrado nos meses de julho e agosto, na região Sudeste do Brasil. Seu melhor ambiente de cultivo é o local que apresenta de 30 a 60% de sombreamento e é recomendada como flor de corte. Essa é uma das espécies melhor estudadas no país, existindo recomendações de conservação pós-colheita provenientes de trabalhos de CASTRO (1993) e OLIVEIRA (1996). Discussões sobre possível sinonímia foram feitas quando abordada a *H. angusta* (Figura 2A).

Heliconia fluminensis Emygdio & Santos

Outra espécie da Mata Atlântica, a *H. fluminensis* tem hábito musóide, com inflorescências eretas e brácteas distribuídas em mais de um plano. Planta alta com mais de 4 metros ocorre no Estado do Rio de Janeiro, Cantagalo, na mata do Cambucá. As inflorescências normalmente têm mais que 40 cm de comprimento e as brácteas são alaranjadas. Descrição completa pode ser obtida em MELLO FILHO & SANTOS (1976a). Seu florescimento ocorre de julho a outubro. É cultivada em locais úmidos, a pleno sol e empregada em jardins.

Heliconia psittacorum L. f.

Apresentando ampla distribuição por todo o território nacional, com mais de meia centena de formas e desenvolvendo-se tanto a pleno sol como até 50% de sombra, a *H. psittacorum* tem hábito musóide e inflorescências eretas com as brácteas distribuídas em um único plano. Embora o florescimento, em função das muitas formas, ocorra o ano todo, existe uma florada mais acentuada de dezembro a maio. A *H.*

psittacorum é cultivada visando o seu emprego como planta de jardim e comercialização como flor de corte. A espécie tem como sinonímia *H. andrewsi* Klotzsch e *H. subulata* Ruiz & Pavan (Figura 2B).

Heliconia richardiana Miq.

A *H. richardiana*, comum em alguns locais do Nordeste, é uma espécie de hábito musóide e com inflorescências eretas e brácteas distribuídas em mais de um plano. O florescimento dessa espécie ocorre de junho a novembro. Planta que tem seu uso recomendado para jardins, é cultivada sob pleno sol a 40% de sombra. Tem como sinonímia *H. hirsuta* non L. ou *H. glauca* Poit.

Heliconia aemygdiana Burle-Marx

A *H. aemygdiana* é uma espécie de subosque. Sua ocorrência foi verificada no sul do Espírito Santo, no norte do Rio de Janeiro e em Minas Gerais, na área do Parque Florestal do Vale do Rio Doce. É uma planta de hábito musóide, com cerca de 3 m de altura, com inflorescência ereta, de grande tamanho (até 40 cm de comprimento) e brácteas distribuídas em mais de um plano. A espécie tem afinidades com aquelas dotadas de inflorescência ereta e perianto piloso. Floresce de julho a outubro e é recomendado o seu cultivo em jardins, em locais à pleno sol até com 30% de sombra (BURLE-MARX, 1974). A espécie tem duas subespécies: *H. aemygdiana* Burle-Marx ssp. *aemygdiana* que tem como sinonímia *H. dasyantha* Koch & Buché var. *rosea* Loese *H. aemygdiana* Burle-Marx ssp. *transandina* L. Anderss., que tem como sinonímias *H. emygdiana* Burle-Marx e *H. zygalopha* Lane.

Heliconia pseudoaemygdiana Emygdio & Santos

A *H. pseudoaemygdiana* é uma planta com cerca de 2 metros de altura, com inflorescência ereta e brácteas distribuídas

em planos diversos. A espata basal é extremamente flácida o que limita o seu uso como planta de jardim. Embora MELLO FILHO & SANTOS (1983) informem a sua ocorrência no Rio de Janeiro, existem divergências sobre o assunto. A espécie entretanto tem sido coletada no sul da Bahia e são conhecidas outras populações no Estado do Mato Grosso do Sul, nas proximidades de Bonito e também na Serra da Bodoquena (Figura 2C).

Secção *Proxichlamys* Andersson

Heliconia densiflora Verlot

A *H. densiflora* é planta de borda de matas ou clareiras da região Amazônica, onde se distribui pelos Estados do Amazonas, Roraima e Amapá. Tem hábito musóide, com inflorescências eretas e brácteas em um único plano e florescimento distribuído por todo o ano. As melhores condições de cultivo são aquelas desde à pleno sol até 40% de sombra. Suas inflorescências podem ser comercializadas como flores de corte bem como as touceiras podem ser utilizadas formando maciços em jardins. A espécie apresenta uma subespécie, *H. densiflora* ssp. *angustifolia* Andersson.

Secção *Lasia* Andersson

Heliconia lasiorachis Andersson

De hábito musóide, a *H. lasiorachis* possui inflorescências eretas com as brácteas distribuídas em um único plano. O florescimento da espécie se dá de maio a novembro. É planta recomendada para uso em jardim, sendo cultivada tanto a pleno sol até leve sombreamento (30%).

Secção *Cannastrum* Andersson

Heliconia metallica Pl. & Lind. Ex Hook

A *H. metallica* é uma espécie com 1 a 3 metros de altura, com florescimento de agosto a janeiro e de ocorrência natural na Região

Amazônica, em regiões de planícies. Com hábito canóide, inflorescências eretas em um único plano, a *H. metallica* floresce por todo o ano. O ambiente de cultivo dessa espécie é amplo e vai desde a pleno sol até 60% de sombreamento. Seu uso adequado é como planta de jardim. A espécie tem como sinonímia *H. marantifolia* G. Shaw (Figura 2D).

Heliconia subulata Ruiz & Pavón

Apresentando florescimento o ano todo, a *H. subulata* é uma espécie com hábito canóide e inflorescências eretas, distribuídas em um único plano. É cultivada tanto a pleno sol como sob condições de até 60% de sombra. Seu principal uso é como planta de jardim. A sinonímia mais comum é *H. psittacorum* var. *gracilis*.

Secção *Zingiberastrum* Andersson

Heliconia apparicioi Barreiros

A *H. apparicioi* é planta de mata primária, de terra firme, em floresta pluvial, portanto exigente em umidade e leve sombreamento. Seu florescimento, na região de origem, Estado do Amazonas, ocorre em agosto-setembro. É planta de hábito zingiberóide, com inflorescências eretas e brácteas distribuídas em um único plano, indicada para uso em jardins. A espécie foi descrita por BARREIROS (1976).

Heliconia hirsuta L. f.

A *H. hirsuta*, planta de ampla distribuição, ocorre em margens de rios, florestas de galeria, clareiras e campos, nos Estados do Amazonas, Rondônia, Acre, Tocantins, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, São Paulo e Minas Gerais. Tem hábito canóide, inflorescências eretas e brácteas dispostas em um único plano. Seu florescimento ocorre de junho a março. É cultivada tanto a pleno solo como em condições de até 50% de sombra. Também é empregada tanto como flor de

corte como planta de jardim. A espécie apresenta pelo menos duas variedades botânicas, a *H. hirsuta* L. var. *rubiflora* R. R. Smith e a *H. hirsuta* L. var. *cararensis* que tem como sinônímia *H. cararensis* Abalo & Rodrigues. Outras sinônímias são: *H. bicolor* Klotzsch, *H. swartziana* R. & Smith e *H. cannoidea* Rich (Figura 2E).

***Heliconia schumanniana* Loes**

A *H. schumanniana* tem como sinônímia *H. uleana* Loes. A espécie tem distribuição restrita, ocorrendo na Amazônia. Seu uso recomendado é como planta de jardim.

Outras espécies que ocorrem no país e que não estão distribuídas nos respectivos subgêneros, conforme proposto por Andersson (1985), são:

***Heliconia marginata* Pittier**

A *H. marginata* também é espécie de hábito musóide e inflorescências pendentes, com brácteas distribuídas em mais de um plano. O florescimento tem pico nos meses de junho-julho embora inflorescências possam ser observadas durante todo o ano. Existem grandes populações nas margens dos rios Miranda e Taquari, em Mato Grosso do Sul. Planta de locais úmidos, se desenvolve bem tanto a pleno sol como a até 30% de sombra. É recomendada tanto como planta de jardim como para flor de corte (Figura 2F).

***Heliconia goiasensis* Barreiros**

Ocorrendo naturalmente em clareiras de florestas mesófilas, situadas ao longo de rodovias, ou estendendo-se dentro da floresta virgem, a *H. goiasensis* floresce de novembro a dezembro e é indicada como planta de jardim, podendo ser cultivada tanto em locais sombreados como a pleno sol. A planta atinge até 2 m de altura e as inflorescências são eretas com brácteas distribuídas em vários planos. Como o próprio nome diz,

pode ser encontrada, em estado nativo, no Estado de Goiás, nas margens da Rodovia Belém-Brasília, aos lados da cidade de Miranorte. Descrição completa é encontrada em BARREIROS (1976).

***Heliconia latispatha* Benth.**

A *H. latispatha* apresenta ampla distribuição no Brasil, desenvolvendo-se muito bem em florestas úmidas com boa luminosidade e tem hábito musóide, com inflorescências eretas e brácteas distribuídas em mais de um plano. Seu florescimento ocorre o ano todo, com pico de maio a setembro. Utilizada tanto como flor de corte como planta de jardim, a espécie é cultivada em condições que variam do pleno sol a 40% de sombreamento. Tem como sinônímias *H. aequatoriensis* Loes e *H. distans* Griggs.

***Heliconia carajaensis* Barreiros**

A *H. carajaensis* é espécie muito semelhante a *H. acuminata* com a qual se confunde muitas vezes. É planta de hábito canóide, de altura média, com inflorescência ereta e brácteas distribuídas em um mesmo plano. Apresenta florescimento em janeiro e ocorre no Estado do Pará, na Serra dos Carajás. Organiza-se em touceiras na mata, sendo que o heliofilismo das plantas não impede que elas cresçam à sombra, conquanto haja um ótimo de luz refletida. É portanto recomendada como planta de jardim, devendo ser cultivada em locais de pleno sol a levemente sombreados (BARREIROS, 1980).

***Heliconia santaremensis* Barreiros**

A *H. santaremensis* tem hábito canóide, desenvolvendo touceiras em várzeas, sendo que as suas inflorescências, devido às condições lumínicas que se lhes impõem o umbrofilismo, posicionam-se sob a copa desta. É planta de inflorescência ereta, em um único plano, com florescimento em novem-

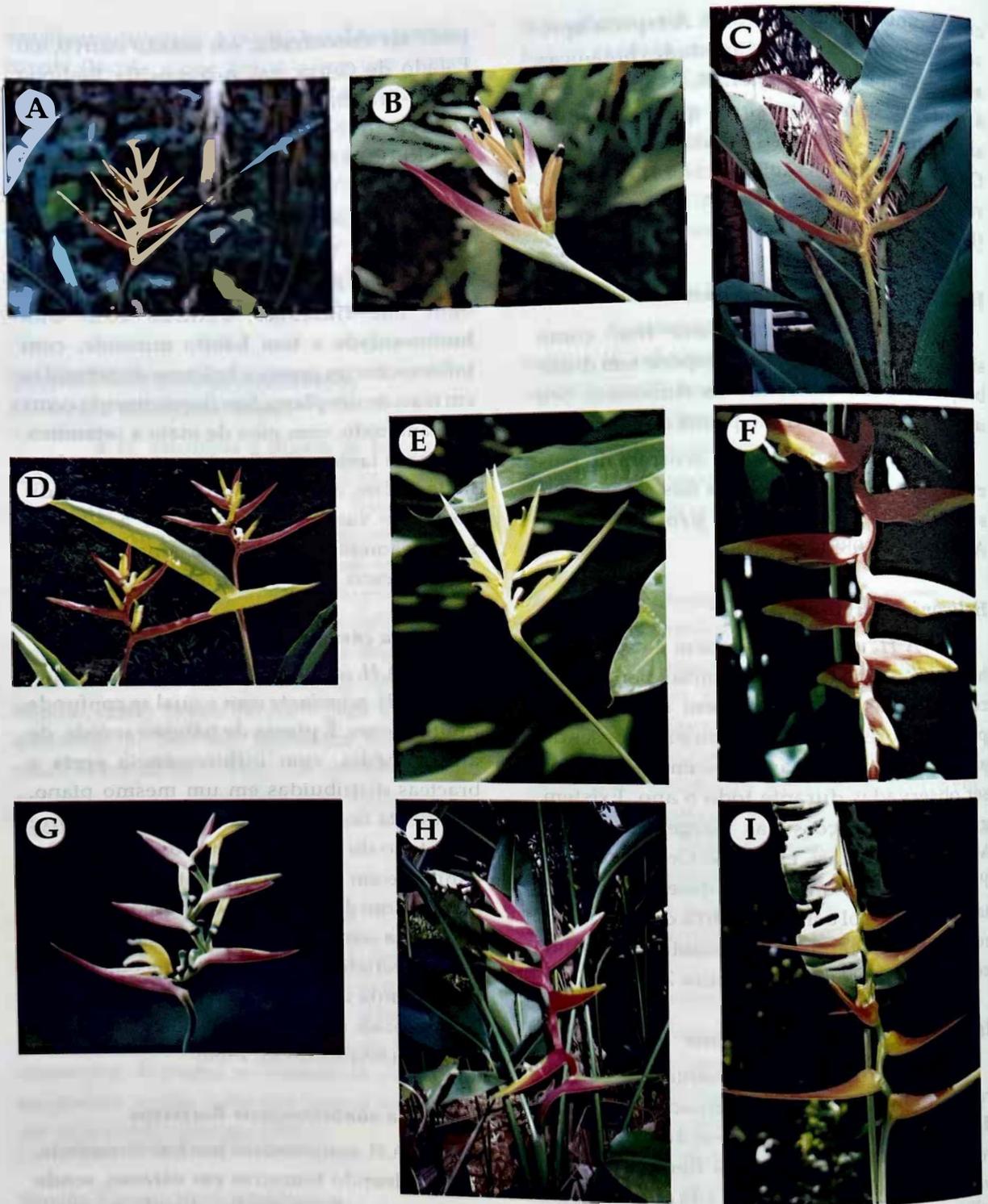


Figura 2. Helicônias brasileiras: A) *Heliconia aurea* Emygdio & Santos, B) *H. psittacorum* L. f., C) *H. pseudoaemygdiana* Emygdio & Santos, D) *H. metallica* Pl. & Lind. ex Hook, E) *H. hirsuta* L. f., F) *H. marginata* (Griggs) Pittier, G) *Heliconia burchelli* Baker, H) *H. X rauliniana* Souza Barreiros e I) *H. latispatha* Benth.

bro. Ocorre na região Amazônica, ao longo da Rodovia Cuiabá-Santarém, no Estado do Pará, próximo ao Km 1226. A planta tem estatura média, sendo muito semelhante a *H. acuminata* Rich. A descrição da espécie pode ser vista em BARREIROS (1980).

***Heliconia X rauliniana* Barreiros (*H. marginata X H. bihai*)**

A *H. X rauliniana* (Figura 2H) tem altura média de 2 a 3 metros e sua inflorescência, um cincino, é bem contorcido o que lhe confere um aspecto especial, totalmente diferente. A espécie provém de floresta tropical chuvosa, exigindo portanto ambiente úmido e sombreado para o seu cultivo. Sua descrição detalhada é encontrada em BARREIROS (1974b). É bastante cultivada no Nordeste, na região litorânea, sendo suas inflorescências comercializadas como flores de corte. O florescimento ocorre de novembro a fevereiro. A *H. X rauliniana* tem como sinônimo *H. rauliniana* Barreiros.

***Heliconia tarumaensis* Barreiros**

Planta de floresta pluvial, a *H. tarumaensis* ocorre no Estado do Amazonas onde forma associações pouco densas nas matas úmidas, em lugares próximos de igarapés, com solo argiloso. É indicada para jardins, em locais levemente sombreados, possuindo estatura média (0,60-1,5 m), com inflorescências eretas e em um único plano, com espatas e flores de cor amarela. O florescimento ocorre de novembro a janeiro. A descrição da espécie é encontrada em BARREIROS (1976) e em SILVA (1978).

4. BANCO DE GERMOPLASMA

O Instituto Agronômico, em Campinas, SP, desde o início dos anos 60, tem se preocupado em introduzir, manter e selecio-

nar material vegetal com potencialidade para a área de floricultura e paisagismo atendendo à demanda existente por produtos novos, principalmente por espécies vegetais tropicais, pelo seu exotismo e adaptação às nossas condições de cultivo.

Na coleção de plantas vivas cultivadas na área de Floricultura e Plantas Ornamentais do Centro de Horticultura, atualmente, constam cerca de 7.000 acessos, sendo, aproximadamente, 600 espécies de palmeiras, 2.000 árvores e centenas de plantas arbustivas, trepadeiras e herbáceas. Dentre essas, destaca-se a coleção de helicônias.

Estão registradas perto de 300 introduções, perfazendo cerca de 100 espécies e cultivares, provenientes de coletas de campo, em várias regiões do Brasil, e permuta com outras instituições de pesquisa, nacionais e estrangeiras. Constitui-se hoje, provavelmente, na maior coleção de helicônias do país.

O objetivo é o de manter um banco de germoplasma ativo de *Heliconia* spp., avaliando as potencialidades estética e da produção, colocando-as à disposição dos produtores, uma vez que é crescente o interesse por essas plantas no mercado.

LITERATURA CITADA

- ANDERSSON, I. An evolutionary scenario for the genus *Heliconia*. In: HOLM-NIELSEN, L.B., NIELSEN, I.C., BALSLEV, H. (eds.). **Tropical forests; botanical dynamics, speciation and diversity**. London: Academic Press Limited, 1989. p.173-184.
- BARREIROS, H. S. Notas sobre *Heliconia linneana* Lane in Herb. **Rev. Brasil. Biol.**, Rio de Janeiro, v.30, n.4, p. 571-573, 1970.
- BARREIROS, H. S. *Heliconia* nova brasileira et varietas. **Morfologia e ecologia** - dis-

- persão e polinização (*Heliconiaceae* (End.) Nakai). *Rev. Bras. Biol.*, Rio de Janeiro, v.32, n.2, p.205-208, 1972.
- BARREIROS, H. S. Espécies críticas de *Heliconia* (*Heliconiaceae*). III. com duas espécies brasileiras, sendo uma nova. *Bradea*, Rio de Janeiro, v.I, n.46, p.459-464, 1974a.
- BARREIROS, H. S. *Heliconia* nova da Venezuela com flores aquáticas (*Heliconiaceae*). *Bradea*, Rio de Janeiro, v.I, n.45, p.453-457, 1974b.
- BARREIROS, H.S. *Heliconiae novae americanae* (*Heliconiaceae*). *Rodriguesia*, Rio de Janeiro, n.28, p.129-132, 1976.
- BARREIROS, H.S. *Helicônias* novas do norte e nordeste do Brasil (*Heliconiaceae*). *Bradea*, Rio de Janeiro, n.3, p.101-104, 1980.
- BERRY, F., KRESS, W.J. *Heliconia*; an identification guide. Washington: Smithsonian Institution Press, 1991. 334p. il.
- BURLE-MARX, R. *Heliconiae novae brasiliensis* II. Sobre uma nova espécie de *Heliconia* L. (*Musaceae*). *Bradea*, Rio de Janeiro, v.I, n.38, p.379-382, 1974.
- CASTRO, C. E. F. *Helicônia para exportação; aspectos técnicos da produção*. Brasília: EMBRAPA, Ministério da Agricultura, do Abastecimento e da Reforma Agrária, Secretaria de Desenvolvimento Rural. Frupex., 1995. 44 p.
- CASTRO, C. E. F. *Helicônias como flores de corte; adequação de espécies e tecnologia pós-colheita*. Piracicaba: ESALQ-USP, 1993. 191p. Tese (Doutorado em Fitotecnia).
- DANIELS, G.S., STILES, F.G. The *Heliconia* taxa of Costa Rica; keys & descriptions. *Brenesia*, v.5, n.1, 150p., 1979.
- KRESS, J. The diversity and distribution of *Heliconia* (*Heliconiaceae*) in Brazil. *Acta Bot. Bras.*, Rio de Janeiro, v.4, n.1, p.159-167, 1990.
- MELLO FILHO, L. E. O gênero *Heliconia* na flora fluminensis de Frei José Mariano da Conceição Vellozo. *Rev. Bras. Biol.*, Rio de Janeiro, v.35, n.2, p.331-337, 1975.
- MELLO FILHO, L. E. *Heliconiae novae brasiliensis* III. *Bradea*, Rio de Janeiro, v.II, n.15, p.91-94, 1976a.
- MELLO FILHO, L. E., SANTOS, E.S. *Heliconiae novae brasiliensis* IV. *Bradea*, Rio de Janeiro, v.II, n.16, p. 95-104, 1976b.
- MELLOFILHO, L. E., SANTOS, E.S. *Heliconiae novae brasiliensis* VII. *Bradea*, Rio de Janeiro, v.III, n. 41, p.370-372, 1983.
- MELLO FILHO, L. E., SANTOS, E.S. *Heliconiae novae brasiliensis* VIII. *Bradea*, Rio de Janeiro, v.IV, n.44, p.350-352, 1987.
- OLIVEIRA, M.J.G. *Tecnologia pós-colheita de Heliconia spp.* Campinas: FEAGRI-UNICAMP, 1996. 103p. Dissertação (Mestrado em Engenharia Agrícola).
- SILVA, M.F. Notas adicionais à *Heliconia tarumaensis* Barreiros. *Acta Amazonica*, Manaus, v.8, n.4, p.591-593, 1978.
- SANTOS, E. Revisão das espécies do gênero *Heliconia* L. (*Musaceae*) espontâneas na região fluminense. *Rodriguesia*, Rio de Janeiro, n.45, p.99-221, 1978.